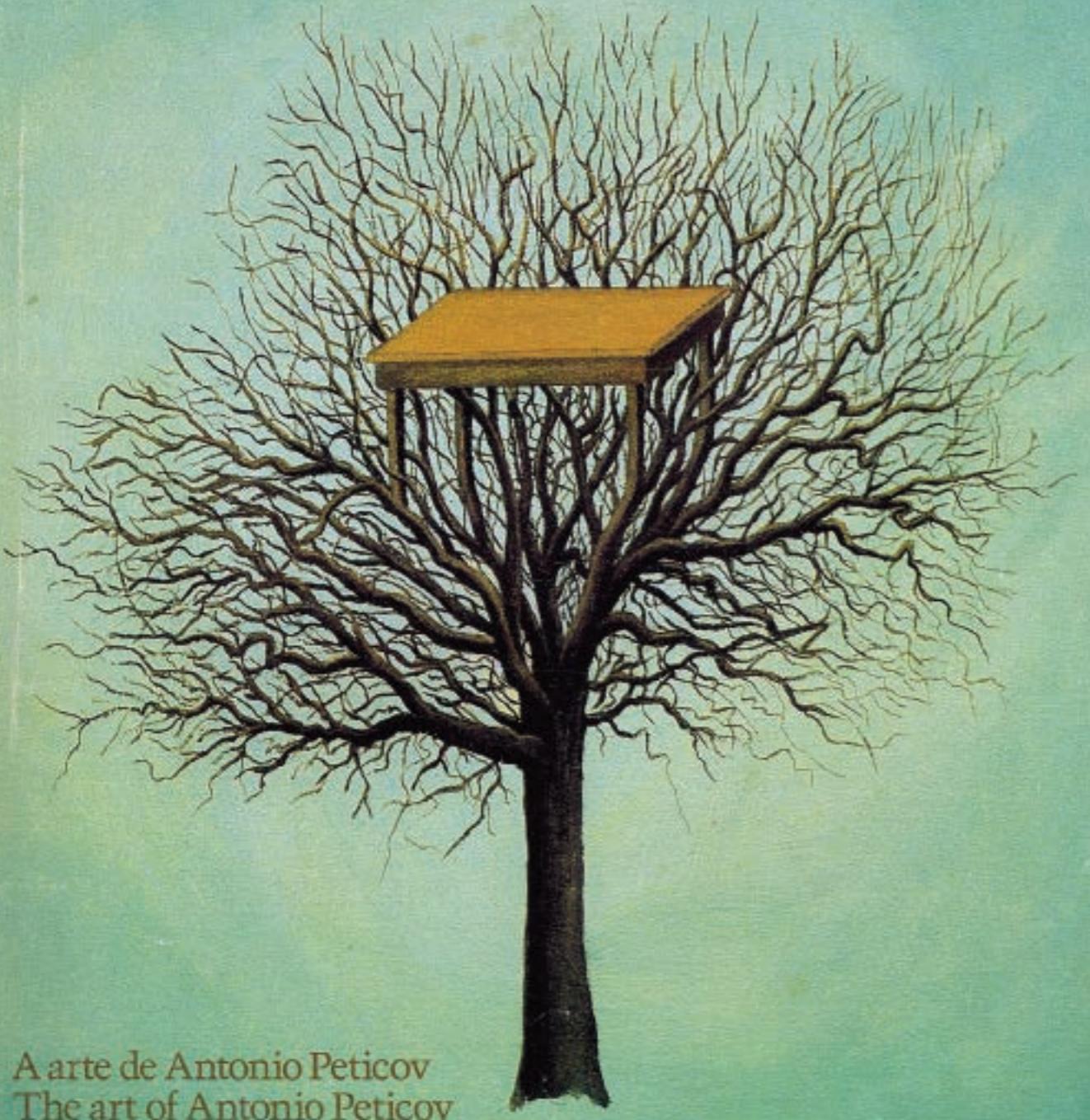


ÍCARO

REVISTA DE BORDO VARIG ■ N° 61 ■ VARIG INFILIGHT MAGAZINE

SOS Mata Atlântica
For a well-kept preserve



A arte de Antonio Peticov
The art of Antonio Peticov

EXEMPLO DA AVULSA INCLUISE 6,00

N° 61
1989
ANO VII

ÍCARO

REVISTA DE BORDO VARIG ■ VARIG INFILIGHT MAGAZINE

10 Mundo

12 World's World

O verde em Chicago e na
rápidas austríacas traz
boas opções turísticas para
seus visitantes. Em Cartagena
onde o calor é eterno, Icaro
mostra quais são os sabores,
locais, num guia atualizado
para quem de férias gosta

Summer in Chicago and
in several Austrian cities
provides attractive
alternatives for tourists.
In Colombia, Icaro
specifies the tastes
and colors of Cartagena,
with an up-to-date guide.

16 Peticov

22 Peticov

Icaro mostra a vida e obra
de Antonio Peticov, um dos
artistas brasileiros mais
conhecidos mundialmente.
Sua fecunda imaginação
transformou nossas páginas
numa autêntica galeria.

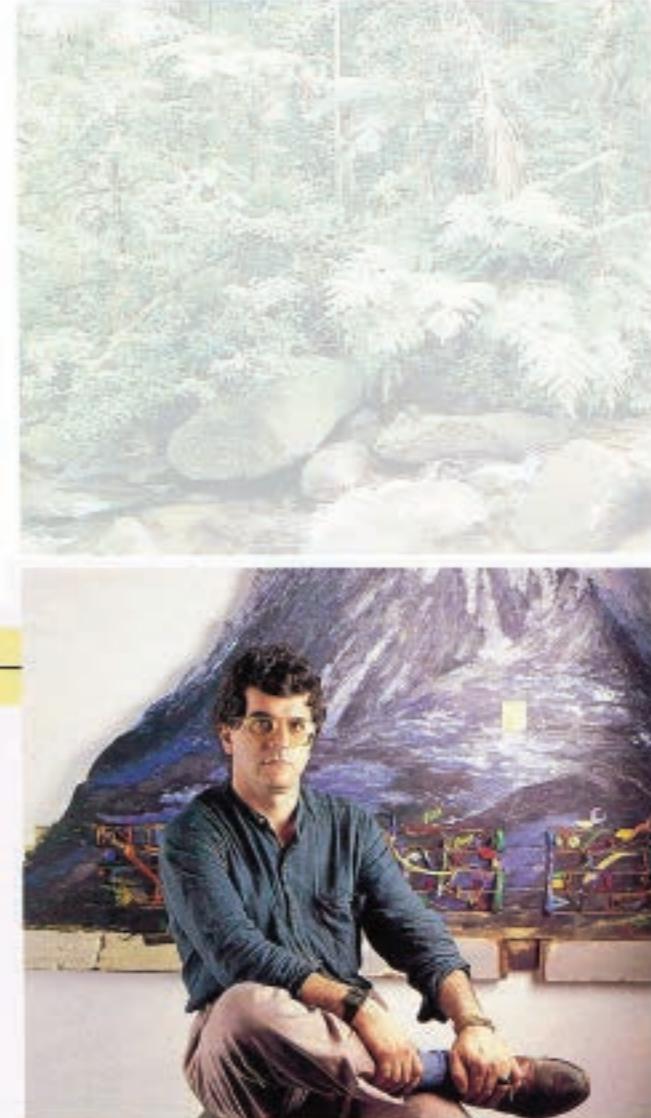
*Our cover story is about
the life and work of
Antonio Peticov, an
artist of international
renown. His imaginative
talent transformed our
pages into an art gallery.*

Ícaro Editora Ltda.

DIRETOR E EDITOR RESPONSÁVEL: Carlos Ivan Siqueira.

DIRETORES: Carlos Alberto de Almeida e Tarcísio C. Piegas.

EDITOR: Oscar Freitas Júnior.
REDAÇÃO: Justine Scholz, Waldir Camasso, Renato Schopeder, Ricardo Pignatti (produção) e Ana Lúcia Nunes (secretaria). INGLÊS: Paulo de Almeida (editor), W. Henry Smallwood e Philip Quando (copy editor), Katie B.P. Stegari (introdução). TRADUÇÕES: Elizabeth Herrington, Isabel Muriel Burbridge, Monica Mills e Peter Galuszka. ARTE: Shitomo Nakazato (editor), Reiko Hamazaki Toyota (introdução), Henrique Stüber Poinard e Roberto Mell (designação). FOTOGRAFIA: Iora Venanzi e Claudia Neves (relevo) [páginas]. DEPARTAMENTO COMERCIAL: Diretor Comercial: José Roberto Mori Bittar. Diretor de Operações Internacionais: Luiz Carlos Vendramini. Contatos Comerciais: Lourdes Reis, Luiz Rossi, Renato Cunha e Marcus Cirilo. DEPARTAMENTO DE MARKETING: DIRETOS: Gerente, Mônica Botelho. Secretária: Neiva da Silva Alves. ADMINISTRAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Enriqueta Pinheiro Mell. SECRETARIA: Eny Pinheiro Silveira. TRATAGEM: Cláudia Crissi. DISTRIBUIÇÃO: Diretoria do Serviço de Repórter da Varig/Cruzeiro: Diretor: Sérgio Prates. SUCURSAIS: Rio de Janeiro: Contatos Comerciais: Lauro José das Silvas (Supervisor de Publicidade), Rua Peixoto Alves, 3540, CEP 20020 - Tel.: (021) 533-2513 e 533-2500. Porto Alegre: Gerente Regional: Mário Albuquerque, Rua Peixoto Alves, 3540, CEP 91500 - Tel.: (051) 3103. Belo Horizonte: Diretor: José Roberto P. Brantekski - Rua Alvim Schreider, 61 - CEP 30015 - Tel.: (031) 22-6347. USA/Canada: Stegari Group - 144 East 44th Street, New York, NY 10017 - Phone: (212) 585-0890. Dallas: Phone (214) 641-6784. Detroit: Phone (313) 961-6844. Los Angeles: Phone (213) 661-4424. Miami: Phone (305) 660-1062. General Representative for France, Italy and Switzerland: Trans-Air International Ltda. - Av. Mat. Câmara, 160 gr. 1013 - CEP 20020 - Rio de Janeiro - Phone (21) 240-5249 - Telex (21) 34628 TAII BRN. FAX (21) 533-3721. France: R.C.I.-99, Rue La Soupe 75009, Paris - Phone (43) 55-5430 - Telex 641298. Italy: R.C. Via Galles Galles, 14/20124 Milano, Tel.: (02) 65-2355/557-5176 - Telex 550359. Switzerland: LM.M. - St. Albans Anlage, 25 B.P. 4628 CH - 4000 Basel - Phone (01) 23-3050 - Telex 965247. IMMS CH: Great Britain: CSA International Media Ltd., 177 Kensington High Street, London W8 6SH. Tel. 01-581 0122. FAX 01-581 0100. Telex 5813271 GECCOMS. G. Spain and Portugal: Extra Spacial Avenida de Fomento y Capital 81, 2^o, C. 28016 Madrid, Tel. 419-8457. FAX 413-1794. Argentina: Directo a Naveo, D e N - Publicidad SRL, Supercha 1007 Piso 4, 7, 1008 Buenos Aires. Tel. 311-1458-6858. Colômbia: Delegado Publicidad Carrera 47 n° 72-35. Piso 1 Telex 48210 NOVEL CO Tel. 217-2700. Japan: IM Corporation, Sansei Land Bldg., 13-5, Ginza 3-chome, Chuo-ku, Tokyo 104 - Phone (03) 546-2231/546-2237 - Telex J23448 IM TOKYO. Korea: Jes Media International - K.P.O. - Box 576 Seoul - Phone (02) 545-8001 - Telex PASCO K29700. Icaro é publicada mensalmente, R\$ 10 por cerca de 780.000 passageiros a bordo das linhas nacionais e internacionais da Varig/Cruzeiro e voo da Ponte Áerea. Icaro Editora Ltda, rua Viana de Moraes, 1028 - CEP 04817 - São Paulo - SP - Brasil - Telefone: (011) 543-4611 - Telex: (011) 21162. Assinatura anual (12 edições): NC\$72,00. Número avulso: NC\$6,00. Pedidos devem ser enviados exclusivamente ao endereço acima, acompanhados de cheque nominal à Editora. Distribuída com exclusividade no País por Fernando Chinaglia S.A. São Paulo. Não é permitida a reprodução parcial ou total das matérias sem prévia autorização por escrito dos autores. Icaro não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. Matérias não solicitadas, fotografias e artes não serão devolvidas se não vierem acompanhadas da respectiva postagem. Composição: Takano & Gráfica. Fotógrafos: Gama e Graficolor. Impressão: Padilia. Tragem: 130.000 exemplares.



46 Ecologia

55 Ecology

O Brasil é o terceiro maior país do mundo que ainda resta de um dos ecossistemas mais importantes do planeta. A entidade SOS Mata Atlântica está ressaltando e convidando a colher bons frutos.

Brazilian vegetation is
one of the rich remnants of
one of the most important
ecosystems in the world.
The SOS Mata Atlântica
organization is urging us to reap
the fruits of its efforts.

86 Comportamento

88 Behavior

Conheça a experiência de
uma jornalista que trouxe
a máquina de escrever pelas
estradas de uma indústria.

A personal interview with a
journalist who accompanied
a typewriter for the 2 years
of a textile industry.

Geral: Luciano Soárez. Foto:
Manoel Gómez. Manchete:
com ilustração de Daniel
Gómez. Ilustrações: Daniel
Gómez.

Sa edição anterior de Icaro
trazia matéria de um artista
brasileiro que também é

Todas as tintas de Antonio Peticov

O artista multimídia brasileiro mais conhecido internacionalmente fala da essência que emana de sua criação e de sua devoção à mística da arte.

Texto de Inês Castilho
Fotos de Marcelo Spatafora

Brincalhão, ele cultiva em si um menino apaixonado pela Alice, de Lewis Carroll, e, nele inspirado, trama seu auto-retrato: em *I have a horse*, o rabo é uma brocha amarrada a um cavalete com quatro pés, a crina é uma escova, as orelhas são penas e uma folha de planta — diligentemente combinadas a um esquadro de desenhista, um balde, compasso, livro, régua T, esquadro e colher de pedreiro. A cabeça do cavalo, uma utópica rede de caçar borboletas, bebe das tintas. A do cavaleiro é um globo terrestre (todas as cabeças, todas as culturas) e está no comando. “Um comentário pessoal sobre meus vícios”, explica o artista sobre esse quadro (acrílico sobre tela, 1989), composto por seus instrumentos de trabalho.

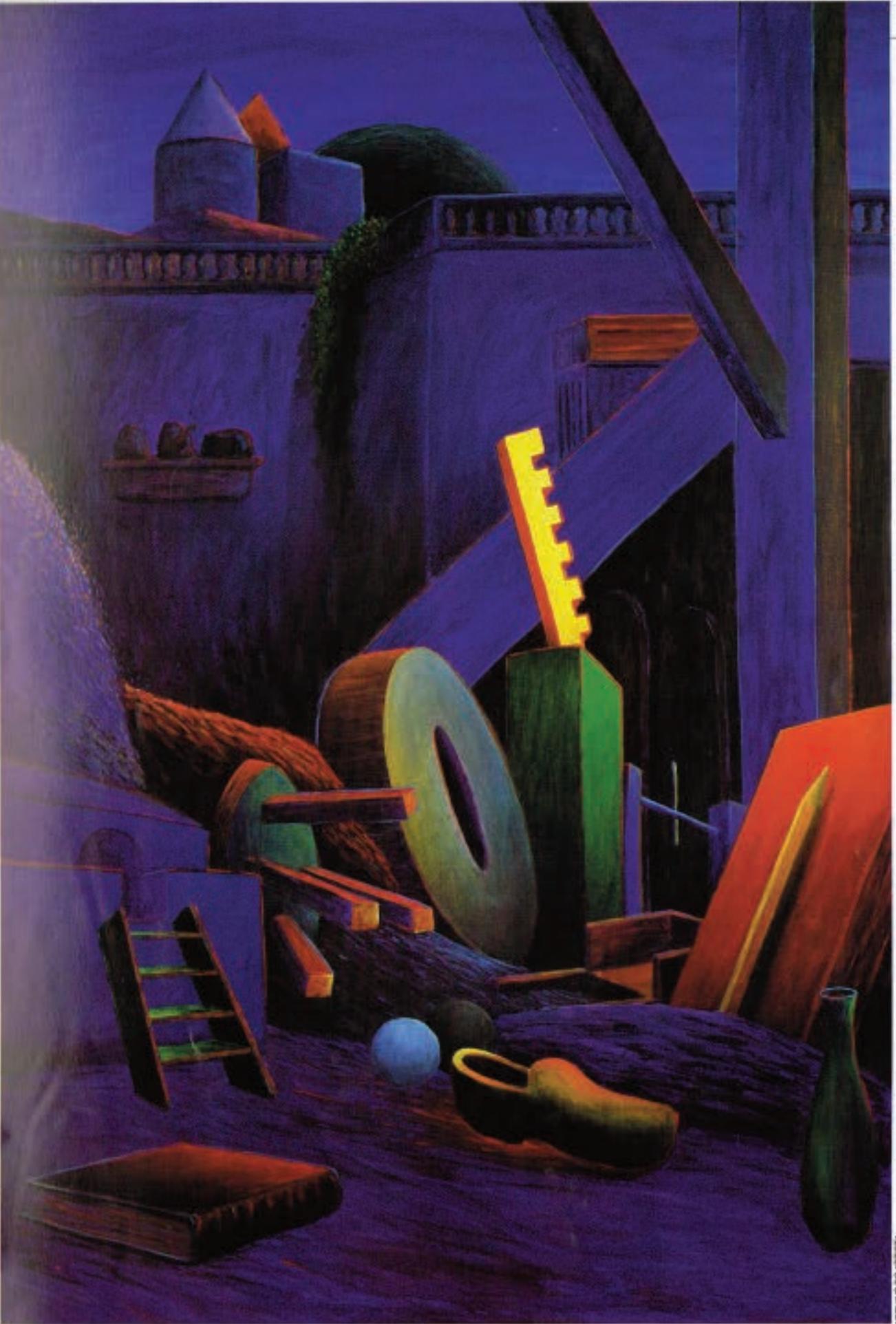
Antonio Peticov, o artista multimídia brasileiro mais conhecido no exterior, cumpriu uma improvável car-

reira para um menino pobretão e rebeldor, portador de loucuras utópicas. Uma longa trajetória desde os tempos remotos da Mooca, bairro fabril de São Paulo onde viveu com a família dos sete aos quatorze anos, e onde, ainda adolescente, ensaiava os primeiros traços copiados de cartões postais — até tornar-se, aos 43, um disputado pintor-escultor com valiosas obras em sofisticadas paredes de empresários, colecionadores e artistas como Vitinho Simonsen, Roberto Maluf, Adolfo Lerner, Rita Lee e John McLaughlin, entre outros.

Um garotão. Exuberante, quase rude no seu modo italiano e ao mesmo tempo cosmopolita, ele é na verdade um tímido, assaltado por súbitos ataques de gagueira quando fala com sofreguidão. Um discurso quase óbvio, às vezes no limite da pieguice, mas vibrante e verdadeiro, que ele eria e reelabora sempre com

urgência através do trabalho com as mãos (largas, ásperas) e do corpo sólido, compacto.

Devoto, ele afirma: “Sou um canal. O vaso, ou o martelo, ou o pincel, a semente, o prego, a tela, o tapete, a terra, essas ferramentas são a manifestação do que sou, como me represento, em toda a diversidade”. Por isso, diz, não assina seus quadros senão no verso. Por isso também — porque dispõe de si com a liberdade de uma tela em branco a servir como expressão da força divina — teve problemas para vender seus trabalhos, recusando várias ofertas que, aparentemente vantajosas, desejavam aprisioná-lo. “Não ofereço garantias estéticas, e o mercado quer estilos cristalizados. Poucos empresários têm visão para saber que é importante vender um artista do que um produto.” Esse tema, a contradição entre a criação do artista e a aridez das relações de mer-



The Cat And The Grapes (1968)



Rio Buranhem (1988)

cado, é matéria-prima de obras como *The cat and the grapes* (acrílico sobre tela, 1988) e *Unmerringly* (acrílico sobre tela, 1988) — este, mais uma vez, inspirado em Lewis Carroll.

Assim, repensando, reavaliando e reexperimentando sua arte há quase vinte anos — tempo em que tem vivido na Europa (quatorze anos em Milão) e nos Estados Unidos —, ele foi descobrindo as possibilidades de furar o cerco do trânsito no Primeiro Mundo, um trânsito, segundo ele, “cada vez melhor porque cada vez mais estou ligado às minhas raízes”, e que faz dele hoje um dos raros artistas brasileiros com real valor estético e de mercado fora do país.

Vindo pela quarta vez, este ano, de Nova York para o Brasil — “para me recarregar de energia, beber de Gil, Caetano e Pixinguinha” —, expôs na galeria Montesanti de São Paulo (em maio) e do Rio (em julho), além de dar início, com um plano-piloto, ao singelo projeto de colorir os 28 qui-

lômetros de margem do rio Pinheiros com árvores cujas flores compõem, na primavera da passagem para o Terceiro Milênio, um arco-íris. Com esse trabalho, vivo e permanente, patrocinado pela Eletropaulo, participa da XX Bienal de São Paulo.

“Devo tudo a Deus. Um dos meus pedidos a Ele era morar junto a uma árvore, e agora estou plantando árvores coloridas para melhorar o mundo. Sempre recebo mais do que peço”, diz Peticov, mais uma vez atribuindo seu talento à divindade. Com flamboiãs, formigueiras, cásias, pau-brasil, jacarandás-mimosos, quaresmeiras-roxas e resedas, ele trará para as margens de um rio morto — que fornece luz elétrica à cidade — o vermelho, o laranja, o amarelo, o verde, o azul, o roxo e o violeta do espectro solar. Uma obra de *land-art* que transporta do céu para a terra o arco-de-deus, ou arco-íris, que simboliza o acordo divino com todos os seres vivos na Terra. Ele busca na Bíblia,

sempre à mão, a passagem em que Deus fala a Noé e aos animais, depois do dilúvio, e expõe o papel desempenhado pelas cores no processo criativo: o branco e o preto, presença e ausência absoluta das cores, a urgência de criar representada pelo roxo, a intensidade da intenção expressa pelo índigo, a disponibilidade do azul-celeste, o crescimento do verde, a seleção do amarelo, a evolução do laranja e o vermelho, que expressa a intensidade da ação.

É quando brota mel do tronco tosco e nude de Peticov. Ele discorre então, durante horas, sobre portas, janelas e escadas, símbolos recorrentemente presentes em sua obra para indicar passagens — as oportunidades da interação, de uma conversa, de relação entre o humano e o divino, entre o inconsciente e o consciente. É quando, resplandescendo sabedoria, ele diz: “O martelo martela, não serra”, para explicar que o pecado original foi “a presença invasora do ego

dizendo *en soi*”, e que é uma grande tragédia o homem não conhecer o seu tamanho, a sua proporção, tentar ser maior ou menor do que é.

Mas falar de Antonio Peticov é falar também de matemática, do valor que ele confere à proporção e que o liga à tradição hermética da Renascença. E falar da “Seção Áurea”, uma razão constante, irracional em termos numéricos, e por isso mesmo considerada supranatural e transcendente — a primeira grande manifestação da Unicidade, que é relacionada pelos cristãos ao Filho de Deus.

Descoberta por Fibonacci, matemático italiano do século XIII, a “Seção Áurea” é derivada de uma relação geométrica presente na simetria bilateral que constitui todas as tramas moleculares, do átomo à galáxia, presentes na estrutura do homem. O “Número de Ouro”, como foi definido por Leonardo de Pisa, está consciente ou inconscientemente contido no processo artístico de todos os tempos, das pirâmides ao Partenon. É a ordem oculta e subjacente, que Peticov cultiva em seus trabalhos tanto quanto a matemática recreativa e outros *puzzles*, quebra-cabeças tridimensionais.

Neste século an-tropófago e fanta-tico, houve pelo menos duas auroras: a dos anos Vinte e a dos Sessenta. Décadas eufóricas, dominadas pela sensação de metamorfose iminente, pelo ar trepidante, pelo peito cheio de expectativas, pela imaginação exaltada, pelo reconhecimento de novos problemas, pelo propagar-se do hedonismo, do terror, da alegria, do misticismo, do protesto antitecnológico, pelo sentimento oceanônico da vida e pela criação de novas lin-

guagens artísticas — linguagens que incorporam à vanguarda erudita o temário da sociedade de massas, da gramática do inconsciente e das culturas não-ocidentais.”

É nesse cenário que se desenrola a vida e a obra de Antonio Peticov, na definição de Ottaviano De Fiore. Com seus acabamentos hiper-realistas e imagens visionárias, incorpora ele-

o figurativo em pinturas e objetos que rompem com as dimensões tradicionais nas artes plásticas. “O objeto sai mesmo do plano, como todo o mundo em que vivemos. E eu sou apaixonado pela construção de coisas pela marcenaria, por ferramentas”, justifica.

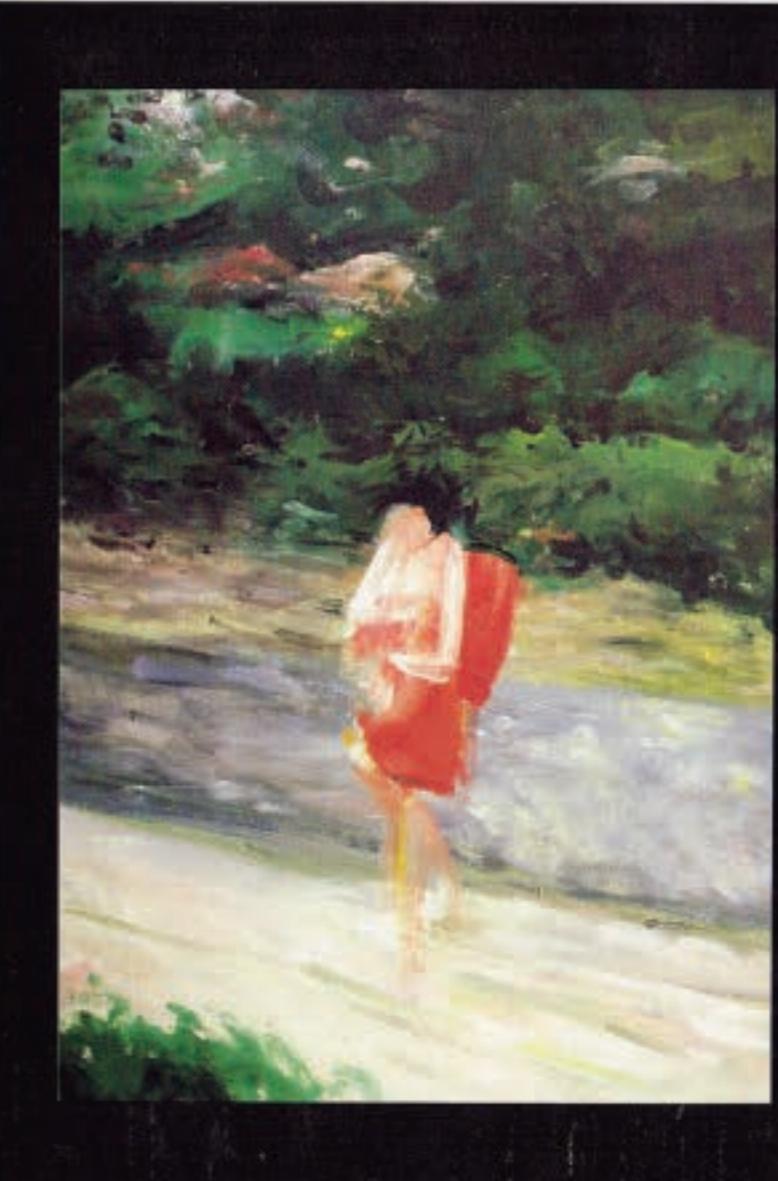
Uma obra inteiramente dedicada ao planeta. Assim ele traduz seu amor

a Deus, ao mesmo tempo em que denuncia: “Amai ao próximo como ama a ti mesmo: é o máximo da simplicidade, mas muito difícil. Muito mais do que amar o mundo, o país, a cidade, é difícil amar a mulher, o irmão, o companheiro de trabalho”.

ACEITANDO finalmente toda a influência exercida na infância pelo pai pastor, e por velhos ídolos convertidos nos anos 80 ao cristianismo, como Bob Dylan, ele assegura crer no retorno de um Cristo concreto, neste fim de era liderado pelo demônio — forças do mal representadas pela ganância e pelo reino do ego em nossa civilização doente. E afirma: “O reino dos céus está dentro de nós. O desafio é colocar em funcionamento integral as possibilidades humanas, essa máquina supercomplexa usada com tanto desperdício. O pecado original foi acreditar

que nós não precisamos do outro.”

Seu trabalho preferido, *The Fight* (acrílico sobre tela e cimento sobre madeira, 1987), contém a essência que emana de toda a sua criação. “O bem e o mal em constante luta. As trevas que tentam *overcome* a disponibilidade do homem em relação ao Divino, enquanto que a luz assumida procura anular o abismo. E este trabalho é fruto de profunda experiência pessoal.”



Kyoto Life

mentos orientais em saudáveis retornos às filosofias psicodélicas — como em *The Breath* (acrílico sobre tela, 1988). “Através da simples materialização de idéias, pela manufatura de objetos, criar uma ligação entre o homem e o divino — esse o êxtase contido em sua obra, invulgar, extraordinária, urdida em cores vívidas, audaciosas, brilhantes, por materiais tão diversos quanto a seda, o veludo e o cimento, misturando o geométrico e



I Have A Horse (1989)



Specialist's Delight (1989)



The Triumphant Arrival (1988)



Unerringly (1988)



 FINE ARTS

The painter, his brush and his dreams

An artist of international renown speaks of the essence that emanates from his creations and of his devotion to the art mystique.

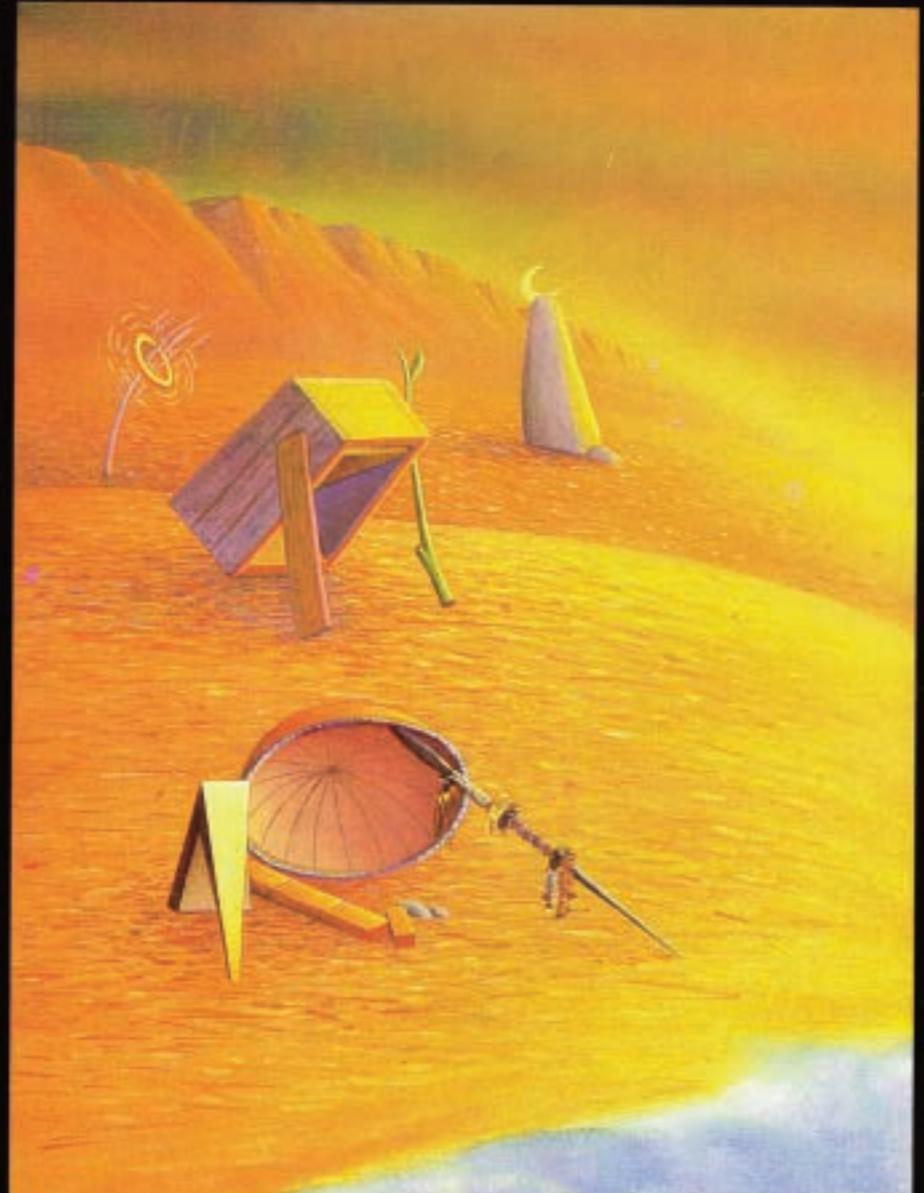
By Inês Castilho
Photos by Marcelo Spatafora

He is a jester who nurtures within himself a little boy in love with the Alice of Lewis Carroll's creation; thus inspired, he painted his self-portrait entitled *I have a horse*. In this painting, a large slap-brush tied to a sawhorse serves as the tail, a hairbrush is the mane, a leaf and feathers are the ears, everything is assembled with a setsquare, a bucket, a drawing compass, a book, a T square, a try square and a trowel. The horse's head, made of a butterfly net, is over the paint-brush jar. The rider's head is a globe of the Earth (representing all the world's minds and cultures), and is clearly in command. "That's a personal comment on my own vices," the artist says of this painting (acrylic on canvas, 1989) depicting his work tools.

Antonio Peticov is a Brazilian who, from a poor and rebellious boy capable of all sorts of Utopian madness, grew into the multimedia national artist best known in the international circuit. His long trajectory began in the old proletarian district of Mooca,

in São Paulo, where he lived with his family from age seven through 14. That was where Peticov, while still an adolescent, first tried his hand at paint strokes, copying postcards. Today, at 43, he is a painter and sculptor much sought after by art collectors, businessmen, actors and entertainers such as Viniho Simonsen, Roberto Maluf, Adolfo Lerner, Rita Lee and John McLaughlin. "I offer no aesthetic guarantees, while the market expects frozen styles. There are very few entrepreneurs with vision enough to realize how far more important it is to sell an artist than a product," Peticov explains. This theme, i.e., the contradiction between an artist's work and the bleakness of market relations, serves as raw material for paintings such as *The cat and the grapes* (acrylic on canvas, 1988) and *Unmerringly* (acrylic on canvas, 1988). The latter was another painting inspired by Lewis Carroll.

He is a devotee who says, "I'm a channel. The vase, hammer, paint-brush, seed, nail, canvas and the Earth are only tools, the manifestation of what I am and the manner in which I represent myself, in all diver-



He Sat And Watched The Coming Tide (1988)



Naturalist's Notes (1989)

which are recurrently present in his work to indicate passages or opportunities for interaction, for a conversation, for the relation between the human and the divine, between the conscious and the unconscious. That's when, resplendent with wisdom, he says that "The hammer is for hammering, not for sawing," to explain that the original sin was "the invading presence of the ego saying *I know*." He explains that there is a real tragedy in the fact that man does not know his own dimension, his own proportions, and tries to be greater or smaller than he actually is.

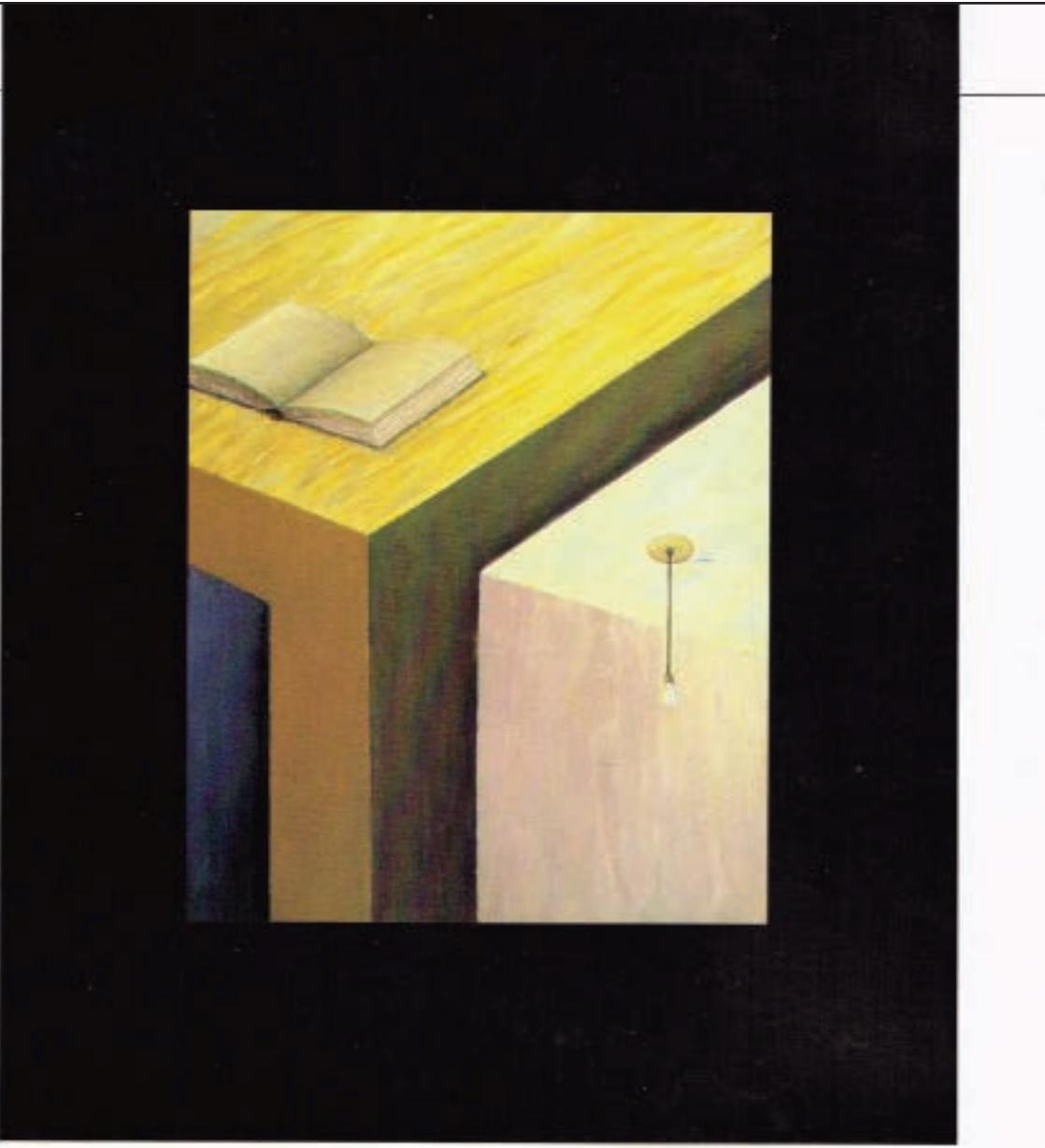
But to speak of Antonio Peticov is to speak of mathematics and the value which he confers to proportion. This value serves as a link with the hermetic traditions of the Renais-

sance. To speak of him is to speak of the Golden Section, a constant ratio, irrational in numerical terms, and for this reason regarded as supernatural and transcendental; i.e., the first manifestation of Oneness related by the Christians to the Son of God.

Discovered by Fibonacci, an Italian mathematician of the 13th century also known as Leonardo of Pisa, the Golden Section is derived from the geometric proportion found in the bilateral symmetry of all molecular structures, from atom to galaxy as well as in the human body. The Golden Number defined by Leonardo is found, whether intentionally or not, in the artistic production of all times, from the pyramids of Giza to the Parthenon at Athens. It is this hidden, underlying order, as well as recrea-

tional mathematics and other puzzles such as three-dimensional objects, that Peticov imparts in his work.

"There were at least two dawns in this man-eating, fanatical century: in the 1920s and in the 1960s. Those were euphoric decades governed by the sensation of an impending metamorphosis, an ebullient air, a chest full of expectations, an excited imagination, by the recognition of new problems. They were governed by the propagation of hedonism, terror, happiness, mysticism and anti-technocratic protest; by life's oceanic feeling and by the creation of new artistic languages. The latter incorporate into the learned avant-garde the themes of mass society, the grammar of the unconscious and non-western cultures."



The Betrayal (1987)

According to critic Ottaviano de Fiore, this is the setting for the life and the work of Antonio Peticov. With his hyperrealistic finishings and visionary images, the artist incorporates oriental elements into a healthy revisiting of psychedelic philosophies, as in *The Breath* (acrylic on canvas, 1988). "The creation of a link between man and the Divine through the simple materialization of ideas, the manufacture of objects," that is the ecstasy contained in his uncommon, extraordinary work. It is a work of daring, bright and vivid colors in such different materials as silk, velvet, and cement, combining the geometric and the figurative in paintings and objects that break away with the traditional dimensions of the plastic arts. "The object springs from

the plane, just like the world we live in. And I'm really hung up on tools, on doing woodwork, on building things," he says.

A work dedicated to the planet, is how Peticov translates his love of God, and he vindicates: "Love your neighbor as you do yourself. Despite its simplicity, this is very difficult to do. To love your woman, your brother, your co-worker is a lot more difficult than to love the world, the country and the town you live in."

After having finally accepted all the influence exerted during his childhood by his father, who was a minister, and by old idols such as Bob Dylan, converted into Christianity in the 1980s, Antonio Peticov reaffirms his faith in the coming of a concrete Christ at the end of this era

ruled by Satanic forces. He believes these forces are represented by the greed for gain and by the supremacy of the ego over our ailing civilization. He says, "The kingdom of heaven is within us. The challenge is to obtain full use of human possibilities, of this complex machine so commonly misused. The original sin was believing that we don't need each other."

His favorite painting, *The Fight* (acrylic on canvas and cement on wood, 1987) embodies the essence of his creation. "It's the good and the evil in constant struggle. It's the darkness attempting to overcome man's willingness in relation to the Divine while light tries to annul the abyss. This work is the fruit of a rich personal experience."

(Translated by Izabel M. Burbridge)